

O EXISTIR DO HOMEM

Fernanda Paula Araújo (COPSI/FUNREI)

Orientador: Prof. Geraldo Mateus de Sá (DFIME/FUNREI)

Resumo: O homem caracteriza-se como um ser em busca da liberdade. Entretanto, é essa busca que o impede de escapar da angústia, cujo fundamento é o nada. É a partir de sua existência que o homem pode compreender a si mesmo. A Existência é uma abertura à condição da liberdade humana. No entanto, essa abertura requer uma compreensão da realidade, para que a escolha não seja uma ilusão. O homem é capaz de autotranscender, isto é, de ultrapassar o momento presente, trazer para o presente experiências já vivenciadas e lançar-se para o futuro, visando a concretização de seus projetos. Por ser racional, o homem está, existencialmente, comprometido com o conhecimento de si mesmo e com a sua relação com-o-mundo, principalmente, com o mundo de seus projetos.

Palavras-chave: Liberdade. Transcendência. Angústia.

Abstract: The man is characterized as a being in search of the freedom. However, it is that search that impedes it of escaping of the dread, whose foundation is it anything. It is starting from its existence that the man can understand himself. The Existence is an opening to the condition of the human freedom. However, that opening requests an understanding of the reality, so that the choice is not an illusion. The man is capable of it transcends himself, that is, of surpassing the present moment, to bring already for the present experiences lived and to rush for the future, seeking the materialization of its projects. For being rational, the man is, of the existential point of view, committed with the knowledge of himself and with its relationship with the-world, mainly, with the world of its projects.

Key words: Freedom. Transcendence. Dread

1. O Homem: um Ser-no-Mundo



Existencialismo é uma corrente de pensamento, cujo objeto de reflexão

filosófica é o homem, o ser-no-mundo, construtor de seu próprio destino, mas submetido a limitações concretas. O ser humano não é uma consciência separada do mundo, mas uma consciência que tende para o mundo. Sendo assim, esse olhar do homem sobre o mundo é o ato pelo qual ele experiencia esse mundo, através de percepções, amores, temores, julgamentos etc.



É a consciência que nos permite existir e ser-no-mundo, pois, a partir dela nos compreendemos e entendemos as coisas. A partir de nossa vivência diária desenvolvemos nossas atividades e determinamos nossos objetivos e ideais. A experiência cotidiana imediata é o cenário do existir, dentro do qual decorre a nossa vida, e o ser-no-mundo é a sua estrutura primordial. Segundo Heidegger, a idéia primordial de seu “pensamento é precisamente que a

evidência do ser precisa do homem e que, vice-versa, o homem só é homem na medida que está dentro da evidência do ser” (Heidegger, 1974).

Ser-no-mundo é uma totalidade que não pode ser decomposta em fragmentos isolados. É desse modo que podemos considerar os vários aspectos do mundo e as diferentes maneiras do homem co-existir.

O homem, embora sofra limitações em seu ambiente e necessite adaptar-se, por sinal, ele possui a capacidade de transcendê-lo, por meio da consciência que tem das situações que vivencia. Portanto, há um movimento dialético entre o ser humano e o mundo; o homem precisa adaptar-se ao mundo mas, por outro lado, exerce alguma ação sobre o mesmo, isto é, atribui-lhe um sentido.

A relação do homem com outros seres é fundamental em sua experiência. Existir é ser-com-o-outro. O homem tem potencialidades que o distingue das coisas e dos animais; ele é capaz de compreender as situações que vivencia, a partir da consciência de si e do mundo. Entretanto, só atualizamos nossas potencialidades com a responsabilidade, liberdade, ou seja, quando nos encontramos em relação com-o-mundo.

O homem, ao se relacionar, ele convive e se comunica com-o-mundo. Todos nós comunicamos mutuamente por meio de contatos, gestos, atitudes e linguagens. Podemos dizer que o fundamento de todas as formas de comunicação é o ser-com, destarte, a característica essencial do ser humano consiste em existir em relação a algo ou a alguém.

À medida que o indivíduo se relaciona com o mundo e com as pessoas, vão surgindo as condições necessárias para a descoberta de si mesmo. Existir significa “sair de si mesmo” ou “transcender”. Portanto, existir e transcender possuem significados semelhantes, que é o de lançar-se para fora, isto é, ultrapassar a situação imediata.

2. A Possibilidade da Liberdade Humana

A consciência de si e o autoconhecimento humano implicam na auto-transcendência, que é a possibilidade de ultrapassar o momento presente, o aqui e o agora. Pela autotranscendência, o indivíduo consegue trazer para o presente as situações já vivenciadas e é capaz, também, de lançar-se no futuro, visando concretizar planos e objetivos. O homem transcende quando consegue ter a iniciativa de descobrir o sentido da sua própria existência e orienta suas ações no mundo. Ao tentar compreender o seu ser, ele relembra o passado, dá sentido ao presente e projeta-se para o futuro. Esse homem nada mais é do que o seu projeto; ele tem a liberdade de construir a sua própria existência, entretanto, vivencia e experimenta a angústia da escolha.

O indivíduo, ao agir, coloca em jogo o sentido do mundo e o lugar do homem no contexto de suas circunstâncias. Para Sartre, é na ação humana que encontramos a essência da humanidade. O homem é responsável por aquilo que ele faz e é isso que o torna livre e só.

O homem é livre para escolher, mas

é responsável por seus projetos e, conseqüentemente, por si mesmo. Nesse sentido, a liberdade responsável é construída a partir da ação humana.

Dentro de uma perspectiva existencialista, só podemos conseguir algo através de nossas ações; não da ação grupal, mas da ação individual. O grupo é ilusório. O que deve existir não é o grupo, mas, sim, indivíduos reunidos capazes de se projetarem em uma liberdade responsável. O que estrutura o homem são os atos individuais. Embora, os grupos sociais determinem a situação objetiva do homem, o mesmo vive procurando estar além dessa objetividade, superando sempre o que lhe é imposto e produzindo novas condições.

É na ação que a liberdade se realiza e o homem se define: “a liberdade está em conhecer a própria realidade e diante dela tomar uma posição.” (Sartre, 1940)

O homem, na visão existencialista, é livre para ser, e, apesar de ocorrer o encontro com o outro, ele não pode contar com esse outro para ser. É o outro que o coloca em confronto com a sua própria liberdade.

A existência é uma abertura à condição da liberdade humana. No entanto, essa abertura requer uma compreensão da realidade para que a escolha não seja uma ilusão. Acredita-se, portanto, que, na liberdade de escolha esteja contida, também, a questão da verdade.

Somente pela abertura que o comportamento mantém, se torna possível, a conformidade da enunciação... A verdade originária não tem sua morada original na proposição, mas na possibilidade intrínseca da abertura do comportamento... A abertura que mantém

o comportamento, aquilo, que torna possível a conformidade, se funda na liberdade. A essência da verdade é a liberdade... A liberdade é própria essência da verdade (Heidegger, 1959).

Não há uma verdade absoluta, que dê garantias ao homem. O que existe são possibilidades, que podem ser concretizadas ou não, em situações particulares. Somos colocados diante de possibilidades para fazermos escolhas, o que exige de nós grande responsabilidade para assumir os riscos das conseqüências de nossa decisão.

Temos a necessidade de fazer escolhas e agir no sentido de concretizá-las. Sendo assim, ao assumirmos a decisão de uma escolha, entramos num outro nível de nossa existência, que é o da ação. É natural que o ser humano faça projetos e tenha ilusões (até para que se sinta estimulado a seguir em frente) mas é estritamente importante que o processo não seja estático, isto é, que o indivíduo aja no sentido de concretizar seus objetivos, e, ao mesmo tempo, seja responsável por eles.

3. A Angústia Existencial

A angústia está vinculada a existência; surgindo da tensão entre o que o homem é e o que ele não pode ser ou evitar que seja, como dono do seu próprio destino. Do sentido que o homem dá à sua ação, decorre a autenticidade e inautenticidade da sua vida. O homem inautêntico é o que vive em função de normas e regras pré-estabelecidas, que é incapaz de ser original, e, portanto, está mergulhado no anonimato. Ao contrário, o homem autêntico é aquele que se projeta no tempo,

sempre em direção de seus projetos, visando atingir objetivos decorrentes das suas mais variadas necessidades.

A angústia não tem um objeto definido, seu único objeto é a própria ameaça cuja fonte é o “nada” ou a morte. O estar diante da morte é a angústia intensa do homem. O homem inautêntico caracteriza a morte como algo externo a si, sempre percebe a morte dos outros, nunca tematiza o próprio fim, e, portanto, nunca questiona a própria existência.

O ser humano, quando tem coragem para enfrentar a angústia da insegurança e faz escolhas, agindo para concretizá-las, pode obter êxito (vivenciando um clima de bem-estar e tranqüilidade) ou pode, também, se ver fracassado diante de seus empreendimentos. Quando ocorre o fracasso, o homem sente dificuldade para encontrar um significado para sua experiência frustrada e se auto-superar. Na medida que o homem consegue superar tais dificuldades, ele adquire uma compreensão mais dinâmica de sua existência e se conscientiza, não apenas de suas potencialidades mas, também, de seus limites, o que o deixa mais esclarecido e amadurecido em relação a sua condição de ser-no-mundo.

Tanto no que diz respeito ao êxito quanto ao fracasso, o homem tem um sentimento de culpa, decorrente de algo não concretizado. No primeiro caso, sentimos culpados por termos renunciado a algo em função de uma escolha e, em segundo momento, por considerarmos que não fomos competentes.

Numa visão existencialista, ter coragem significa auto-realizar-se apesar da angústia. Como seres racionais, sentimos a necessidade de analisar nossa vivência e refletir sobre ela, a fim de conhecermos o nosso existir no-mundo.

O ser humano consegue ser saudável existencialmente a partir do momento em que vivencia ora instantes de satisfação e bem-estar, ora instantes de aflição e angústia, mas com uma certa predominância do estado de tranqüilidade, em que o indivíduo consegue ter coragem para seguir em frente na sua existência, ampliando cada vez mais o conhecimento e a compreensão de si mesmo, isto é, de seu ser-no-mundo. Pois, a relação do homem com o mundo é uma relação com o íntimo de seu próprio ser e com a condição do único ser que existe: o homem.

Referências Bibliográficas

- ARANHA, Maria Lúcia Arruda; MARTINS, Maria Helena Peres. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo : Moderna, 1996
- CARMO, Raimundo E. do. *Fenomenologia existencial: estudos introdutórios*. Belo Horizonte : O Lutador 1974
- JOLIVET, Regis. *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro : Agir, 1953.
- _____. *Tratado de Filosofia: Psicologia*. Rio de Janeiro : Agir, 1967.
- LUISPEN, W. *Introdução à Fenomenologia existencial*. São Paulo : EPU/EDUSP, 1973.
- LYOTARD, Jean-François. *A Fenomenologia*. Lisboa : Edições 70, 1986.